

"Ainda creio": religiosidade e dissidência em uma Pastoral da Diversidade evangélica¹

Luciano Rodrigues da Costa (UFPE)²

1. Introdução

Este trabalho analisa a centralidade da religiosidade na trajetória de pessoas LGBTQIA+ vinculadas à Pastoral da Diversidade da Primeira Igreja Batista (PIB) dos Bultrins, em Olinda (PE). A investigação debruça-se sobre os processos de subjetivação e agência de sujeitos que, após atravessarem experiências de exclusão e violência simbólica em instituições religiosas conservadoras — e, paradoxalmente, em espaços autodeclarados inclusivos —, reconstroem uma vivência de fé afirmativa e de pertencimento comunitário.

O interesse por este objeto de estudo ancora-se em uma trajetória de pesquisa dedicada ao engajamento de comunidades evangélicas progressistas no debate público, com o intuito de apreender as tensões, os arranjos e as transformações socioculturais intrínsecas a esses grupos. Nesse sentido, o presente estudo corrobora a literatura acadêmica recente que evidencia a heterogeneidade e a pluralidade do campo evangélico brasileiro, rompendo com visões monolíticas do segmento.

A relevância desta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender as intersecções entre religiosidade, dissidência e resistência no interior de uma denominação batista de *ethos* historicamente progressista. Observa-se que tal instituição, ao institucionalizar a pauta da diversidade sexual e de gênero, deflagra novos conflitos e reconfigurações identitárias, tornando-se um campo privilegiado para a análise das fronteiras entre a tradição religiosa e a política das identidades

2. O Campo de Pesquisa: A PIB Bultrins e a Pastoral

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Antropologia pelo mesmo programa. Pesquisador com foco nas interfaces entre religião, secularismo e arena pública, com ênfase no evangelicalismo progressista e suas tensões de gênero, classe e raça no Nordeste brasileiro. Docente na Faculdade ViaSapiens (Tiangúá/CE). luciano.rcosta3@ufpe.br

A PIB Bultrins distingue-se da vertente batista tradicional por meio de um conjunto de práticas fundacionais e posicionamentos políticos assertivos. Entre seus pilares, destaca-se a Leitura Popular da Bíblia, que adota a metodologia freiriana para privilegiar a hermenêutica leiga e as vivências do cotidiano. Somam-se a isso Práticas Inclusivas Históricas, materializadas em batismos desvinculados de pré-condições morais ou de 'correção de condutas', na oferta da ceia aberta e, durante muito tempo, na ausência de um templo fixo — elemento que simbolizou a ruptura com a rigidez institucional. No campo do Ativismo Político, a comunidade notabilizou-se pela oposição explícita ao governo de extrema-direita (2018-2022) e pelo engajamento em defesa do discurso científico durante a crise sanitária da Covid-19.

Um marcador fundamental dessa identidade pública reside na memória do Fórum Popular de Teologia de 2006, sob o tema 'Igreja, Comunidade e Violência'. Realizado em articulação com movimentos populares locais, o evento consolidou a metáfora do templo 'sem portas e janelas' — uma representação eclesiológica de uma instituição permeável às demandas sociais e avessa ao enclausuramento institucional.

Essa ênfase na porosidade, tanto material quanto simbólica, permite compreender a emergência da Pastoral da Diversidade em 2023 não apenas como uma inovação, mas como a continuidade e, sobretudo, a radicalização de um *ethos* orientado ao acolhimento e ao diálogo na esfera pública. Nesse contexto, a Pastoral configura-se como uma 'nova fronteira interna' da igreja, estruturando sua atuação em dois eixos:

- Dimensão Pública: Caracterizada por ritos celebrativos, como o culto do Dia do Orgulho LGBTQIA+ (2024) — sob a premissa da unidade na diversidade —, e por eventos de cunho reflexivo, como o congresso de 2025, dedicado a problematizar as instrumentalizações bíblicas que legitimam a exclusão e a violência contra corpos trans.



Ato público pós Culto do Orgulho/1º Congresso da Diversidade, junho 2025.
(Foto: Rede social/Instagram da igreja)

- Dimensão Interna: Consistente em espaços de sociabilidade e suporte subjetivo, por meio de reuniões virtuais voltadas à partilha espiritual e ao fortalecimento de vínculos comunitários."



Encontro virtual da Pastoral.
(Foto: Rede social/Whatsapp)

3. Marco Teórico-Analítico

A fundamentação teórica desta pesquisa articula-se em eixos complementares que permitem compreender a complexidade das vivências religiosas dissidentes:

3.1. Ethos Progressista e a Perspectiva da Religião Viva

A PIB Bultrins insere-se na denominada "ala progressista" do protestantismo brasileiro (ALENCAR, 2023), na qual a fé é traduzida como uma ética política de engajamento social. Esse enquadramento dialoga com a memória coletiva de uma igreja "porosa", simbolizada pela metáfora do templo "sem portas e janelas" (Fórum Popular de Teologia, 2006). Para analisar essa dinâmica, adota-se o conceito de Religião Viva (TAVARES, 2013), que permite conectar a hermenêutica popular da Bíblia às práticas cotidianas e digitais mobilizadas pela Pastoral.

Para adensar a compreensão sociológica do "tornar-se" progressista, recorro a Araújo (2022), que identifica marcadores como o contato com a alteridade, a pobreza e a aproximação com teologias críticas como vetores de transformação da identidade religiosa. Complementarmente, Spyer (2021) auxilia na desconstrução de visões estereotipadas sobre o segmento evangélico, demonstrando que, mesmo em contextos periféricos, coexistem gramáticas de justiça social e combate a opressões (racismo e

sexismo), ainda que sob tensões constantes. Na PIB Bultrins, a Pastoral ancora-se nessa gramática prévia para intensificar as disputas internas por reconhecimento.

3.2. Pastorais e a Governamentalidade da Vida Íntima

A Pastoral da Diversidade é analisada como uma tecnologia de cuidado e uma arena de gestão da vida íntima. Dialogo com Natividade e Dias (2022), que investigam como as "pastorais sexuais" operam políticas de subjetividade e pedagogias do sujeito no que tange às afetividades e conjugalidades. Embora a PIB Bultrins não seja uma "igreja inclusiva" em sentido estrito, mas uma denominação histórica, a mediação pastoral aqui estudada funcionaria como um dispositivo que pode tanto reproduzir regulações quanto sustentar pedagogias de não violência e resignificação teológica no cotidiano comunitário. Entretanto, as reuniões da pastoral e a convivência demonstram um “desapego” à sexualidade do outro. Há uma partilha da vida íntima, até jocosamente, sem que qualquer tipo de retaliação aconteça.

3.3. Estigma e Disputa Simbólica

A dimensão subjetiva do pertencimento é lida através de Goffman (1981), especificamente no que concerne às "identidades deterioradas" que os membros trazem de contextos de exclusão. A Pastoral atua, portanto, como um espaço de reelaboração do estigma via afetividade. No plano institucional, Bourdieu (2015) ampara a análise da disputa simbólica: uma luta interna pela legitimidade da pauta LGBTQIA+ diante de um estrato progressista que, embora aberto ao social, ainda manifesta hesitações diante de mudanças percebidas como radicais no *ethos* eclesial.

3.4. Agência, Resignificação e Enquadramento

A busca por uma "espiritualidade sã" representa a agência desses sujeitos ao rejeitarem teologias reparativas de "cura" em favor de uma teologia da aceitação (GARCIA; CRUZ, 2018). Essa transição é analisada sob a ótica do Enquadramento (BUTLER, 2016): a Pastoral demanda que a igreja estenda aos corpos dissidentes o mesmo reconhecimento de dignidade que historicamente conferiu às populações marginalizadas pela pobreza.

3.5. Dialética Identitária: Heteroafirmação e Autorafirmação

A partir da abordagem relacional de Denys Cuche (1999), a identidade é compreendida como um produto de classificações sociais. Observa-se uma tensão entre as identidades heteroafirmadas — pautadas pela heteronormatividade religiosa que classifica o corpo

dissidente como desvio — e as identidades autorafirmadas, construídas no reconhecimento mútuo e na reivindicação do pertencimento cristão sem renúncia à dissidência. A Pastoral atua como um dispositivo de autorafirmação que disputa os critérios de legitimidade do "ser crente" na instituição.

3.6. Dissidência e Transformação Institucional

Diferente das igrejas fundadas com foco exclusivo no público LGBTQIA+ (OLIVEIRA et al., 2020), a PIB Bultrins vivencia uma transformação por dentro da tradição. Essa característica torna a disputa mais complexa e estratégica, pois a Pastoral tensiona as fronteiras institucionais e confronta, na esfera pública, a instrumentalização da liberdade religiosa como pretexto para o discurso de ódio.

4. Metodologia

A presente pesquisa ancora-se em uma perspectiva etnográfica, fundamentada no diálogo interdisciplinar entre os estudos de gênero, a sociologia da religião e a teoria da interseccionalidade. O acompanhamento sistemático de atividades públicas — como cultos e congressos — e de interações em espaços restritos, como as reuniões virtuais, tem sido o eixo central para observar as formas de agenciamento da fé e a produção de sentidos nesses territórios.

O trabalho de campo articula a observação participante em eventos presenciais com a etnografia em ambientes digitais (ou ciberetnografia), visto que o grupo da Pastoral em plataformas de mensagens instantâneas (WhatsApp) se configura como um campo contínuo de interação e partilha. O registro das observações é consolidado em diário de campo, permitindo uma análise densa das dinâmicas coletivas.

Para a coleta de dados primários, utilizam-se entrevistas não estruturadas e relatos orais obtidos em interações síncronas e assíncronas, além da aplicação de instrumentos complementares via formulários eletrônicos (Google Forms). No que tange à dimensão ética, o estudo adota protocolos rigorosos de preservação da identidade dos interlocutores. Dada a sensibilidade do tema e o histórico de estigmatização dos sujeitos, prioriza-se a descrição de processos e dinâmicas grupais em detrimento de dados que permitam a identificação direta, garantindo o anonimato e a integridade dos participantes conforme as normas de ética em pesquisa nas Ciências Humanas.

5. Resultados Preliminares e Discussão

A atuação da Pastoral da Diversidade tem engendrado transformações estruturais no ethos da PIB Bultrins, configurando um processo de ruptura institucional em curso. Mais do que uma ação setorial ou temática, a institucionalização da Pastoral desloca as fronteiras internas de pertencimento e tensiona as interpretações exegéticas tradicionais, compelindo a comunidade a renegociar publicamente os sentidos de fé, santidade e comunhão. Nesse cenário, a PIB Bultrins caracteriza-se como uma instituição de trajetória progressista que se torna 'afirmativa' não por consenso prévio, mas por meio de conflitos, disputas simbólicas e rearranjos práticos.

Esses achados emergem da observação participante em cultos temáticos, congressos e reuniões virtuais de oração, nos quais a disputa por legitimidade se manifesta tanto nas formulações teológicas quanto nas práticas comunitárias de reconhecimento. Os resultados preliminares podem ser sintetizados em três eixos analíticos:

A Pastoral como Consciência Radical: O dispositivo atua como um catalisador da tradição progressista da igreja, exigindo que a coerência entre o discurso de justiça social e a prática eclesial seja estendida à pauta LGBTQIA+. A Pastoral não cria um novo *ethos*, mas radicaliza os princípios fundacionais da própria instituição.

Dialética da Mudança e Resistência Interna: Observa-se um descompasso geracional e pedagógico no reconhecimento do processo de mudança. Membros historicamente vinculados à ala progressista da igreja manifestam hesitações e resistências simbólicas, revelando que a inclusão é um campo de negociação constante e não um dado institucional estabilizado.

A Crença como Tecnologia de Resistência: Para os sujeitos LGBTQIA+, a manutenção da vivência de fé — o 'ainda creio' — configura-se como uma forma de resistência existencial. Ao reivindicarem o sagrado, esses indivíduos operam uma dupla transformação: resgatam a dignidade subjetiva, frequentemente fragmentada por violências religiosas anteriores, e transformam a estrutura institucional ao nela imprimir suas subjetividades dissidentes.

6. Considerações finais.

Refletir sobre as trajetórias de fé analisadas neste estudo implica reconhecer que corpos historicamente marcados pela negação e pela violência simbólica podem converter a espiritualidade dissidente em um território estratégico de pertencimento e cura. A Pastoral

da Diversidade não se limita a um exercício de acolhimento passivo; ela atua como um agente provocador que desafia a PIB Bultrins a materializar a promessa radical de sua gênese: a constituição de uma comunidade eclesial onde a unidade seja fundamentada, efetivamente, na alteridade e na diversidade.

Como desdobramentos desta investigação, pretende-se aprofundar a análise sobre as formas pelas quais os diferentes atores sociais — lideranças institucionais, membros de longa data e integrantes da Pastoral — negociam os limites do pertencimento e as hierarquias da autoridade interpretativa. Adicionalmente, busca-se compreender de que maneira as práticas digitais e a ciberetnografia ampliam a visibilidade desses debates na esfera pública, reconfigurando as fronteiras entre o cuidado pastoral interno e o posicionamento político-identitário da instituição no cenário evangélico brasileiro.

7. Referências Bibliográficas

NATIVIDADE, Marcelo; DIAS, Tainah Biela. Pastorais sexuais e gestão da vida íntima: casamento, afetividades e violência em igrejas inclusivas. *Cadernos Pagu*, n. 66, e226614, 2022. DOI: 10.1590/18094449202200660014.

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999.

ALENCAR, G. C. P. de. Protestantismo e ativismo político: evangélicos progressistas no Brasil. São Paulo: Dialética, 2023.

ARAÚJO, M. F. M. Liberdade religiosa e homotransfobia: quando a expressão da fé se torna um discurso de ódio?. [s.d.].

BOURDIEU, P. A violência simbólica: o Estado e as práticas sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 108, 2015.

BUTLER, J. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GARCIA, E. C.; CRUZ, C. C. M. da. A resignificação religiosa de homo e transexuais cristãos frente à heteronormatividade de suas religiões. Faculdade Ciências da Vida, 2018.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

OLIVEIRA, T. J. et al. As "Igrejas Inclusivas" em Fortaleza-CE: território LGBTQ de resistência e fé. GEO UERJ, n. 36, 2020.

TAVARES, T. R. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. Sacrilegens, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, 2013.

TOLEDO, J. de S. Textos que abrem portas: Leitura Popular da Bíblia apresentada a partir de textos bíblicos. Interações, Belo Horizonte, v. 15, n. 01, 2020.

ARAÚJO, Matheus Alexandre de. Tornando-se um evangélico progressista: trajetória e formação de valores políticos. 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

SPYER, Juliano. Evangélicos progressistas no Brasil popular. Debates do NER, Porto Alegre, v. 1, n. 39, p. 91–118, 2021. DOI: 10.22456/1982-8136.116939.

VEIGA, Carlinhos. Uma igreja sem portas e janelas. Ultimato, 24 nov. 2006. Disponível em: (consultado em 02 maio 2026).